

O Palhaço Itinerante e o Espaço Público como Zona de Experiência.

Diego Elias Baffi

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Palavras-Chave: Palhaço, Palhaço Itinerante, Intervenção em Espaço Público.

Creio ser pertinente iniciar este artigo falando sobre o lugar de onde ele é escrito: desejoso de aprofundar-me praticamente em uma dinâmica de intervenção cênica ainda não contemplada com profundidade pelos estudos bibliográficos que já pude entrar em contato – a técnica do palhaço itineranteⁱ – há um ano, venho experienciando, regularmente, intervenções desta técnica no espaço público de Campinas/SP. Ao invés de encarar o risco da especulação interminável a partir de estudos bibliográficos que tenham pontos de contato com esta técnica, opto nesta pesquisa por partir de minhas experiências pessoais no exercício desta técnica para então procurar cabedal que me permita refletir sobre ela. Assumindo o risco de estar “reinventando a roda”, é deste lugar que este artigo é escrito.

Esta pesquisa no espaço público tem dentre suas especificidades a não objetivação de criação de um espaço cênico que se determine por elevar um trecho específico do espaço público à categoria provisória de palco, reproduzindo a divisão geográfica palco / platéia presente em grande parte do mobiliário teatral tradicional ou mesmo das rodas ou semi-rodas costumeiramente formadas para a exibição de espetáculos de rua.

O espaço urbano não é tratado aqui como suporte da ação cênica, mas como co-autor do palhaço. Esta pesquisa não busca realizar intervenções cênicas “na rua” (para usar um termo comumente encontrado quando referimo-nos ao teatro apresentado em espaços públicos), mas fazer teatro “com a rua”. Colocar o espaço como atuador do acontecimento dramático.

Levantemos possibilidades de como isto se dá: partamos da idéia de “Atuador”, como “aquele que age” e que, para isso necessita estar “vivo” e na acepção de organismo vivo como um organismo que consegue se auto (re)criar constantemente em busca da manutenção de sua condição de “vivente”. Desta forma poderíamos considerar que ao produzirmos a necessidade de recriação constante de um elemento do espaço público, estamos tornando-o vivo.

Para produzir tal necessidade conduzimos, através da interação artística com o palhaço itinerante, o elemento encontrado no espaço público, para fora de sua relação óbvia útil-funcional. Criando uma nova inserção deste elemento em um “lugar” em que

ele precise ser “recriado” no que diz respeito a sua relação com os demais elementos do espaço público, os passantes e o palhaço. Como por exemplo, quando uma placa deixa de “dizer” que é proibido estacionar e passa a comunicar a todos que ali é vetado o uso da vogal E, ou que é proibido comemorar.

Dentro desta relação de recriação os elementos encontrados na rua extrapolam sua função mono-útil e potencializam-se nos caminhos de suas múltiplas possibilidades.

Assim, para trazer esta experiência ao trabalho artístico, ou seja, trazer esta possibilidade de recriação por parte do público dos elementos apresentados em cena dentro de suas potencialidades e que, portanto, torne-os “vivos”, devemos atuar no sentido de conduzir, vetorizar o “lugar” dos elementos que pretendemos nos relacionar para uma zona não óbvia-funcional, para uma *zona de experiência*ⁱⁱ. E como estamos pensando a atuação de um *palhaço itinerante* nos propusemos a encontrar formas de promover esta vetorização dentro desta linguagem.

Experimentações sobre as figuras clássicas dos palhaços Branco e Augusto, assim como a criação de técnicas de percepção do “fluxo de vida” – tão mutável em um espaço múltiplo como o espaço público – e de interação com este fluxo dentro da técnica proposta, tem dado apontamentos significativos das possibilidades de realização de nosso intento. Dentre as particularidades da investigação sobre a linguagem artística objeto desta pesquisa, teçamos alguns comentários sobre a relação deste palhaço com o espaço público como zona de experiência.

O Espaço Público Como Zona de Experiência.

Como já dissemos, para a criação de uma *zona de experiência* no espaço público devemos vetorizar o lugar dos elementos comumente encontrados neste espaço para esta *zona de experiência*.

Neste sentido, observemos que as placas, os corrimões, os bancos de praça – e tantos outros elementos comuns no espaço público – têm uma fortíssima tendência à ser relacionado como portador de uma utilidade única, pois um banco não é habitualmente utilizado pela exploração de sua similitude com um barco, tão pouco uma placa em sua similitude com uma árvore de ferro, não habitam cotidianamente sua *zona de experiência*.

Dentro de nossa pesquisa, o palhaço itinerante iniciará sua busca por criar uma relação com este elemento e deste elemento com os demais e com o público para além de sua utilidade única.

Isso se dará a partir do deslocamento do ponto de vista que o palhaço olha os elementos deste espaço, resgatando a relação primeira com o elemento quando ainda desconhecido, ou seja, no momento anterior à constituição dessa hierarquia de utilidades que elegeu uma abordagem deste elemento como preferível as demais decretando sua mono-utilidade.

Paradoxalmente, o acesso à *zona de experiência* se dará, portanto, pela relação com os elementos não em um número de possibilidades maior que a previamente determinada, mono-útil, propõem, mas se dará pelo estabelecimento de uma relação que veja o elemento em sua potencialidade, ou seja, anteriormente ao estabelecimento da sua mono-utilidade.

Antes de extrapolar a mono-utilidade, o palhaço a transgride por negação de qualquer hierarquia que venha a ser determinada por sua posição dentro das possibilidades e daí cria a possibilidade de recriação constante deste elemento. A hierarquia, se existe, se constituirá a partir relação cênica desenvolvida de acordo com a interação deste com os elementos que o rodeiam naquele espaço-tempo e que o chamam a uma recriação em vida, ou seja, que mantenha seu fluxo de recriação.

É pelo espaço transversal, pela diagonal arte que o palhaço cria uma *zona de experiência* no espaço público, que parta de sua interação com o banco agora caixa de correio, a placa agora periscópio de submarino.

É na criação desta *zona de experiência* que o palhaço pretende extrapolar a concretude espaço-temporal com os elementos do espaço público ao gerar uma potência de recriação constante dos elementos deste espaço que, ao serem recriados pelo público durante e após a intervenção artística, romperão a hierarquia de utilização dos elementos do espaço público rompendo sua aparente obviedade e tornando-o, “vivo” – o público que se relaciona com o banco caixa de correio poderá entrar em sua potência de homem-envelope ou de marinheiro do mar de asfalto – gerando por consequência a poetização, a poiésis, a necessidade de recriação da relação do público com o elemento do espaço público então “vivo”, pois pulsante.

Para isso, esta pesquisa se pauta pela não criação de um espaço-tempo artístico outro, onde a vida cotidiana seja deixada de lado, mas trabalha sobre a poetização (*poiesis* – criação) do espaço público em coabitação com o espaço-tempo cotidiano. E pretende romper a fronteira da “bolha lírica-poética altamente complexa, que se movimenta *em continuum* e se torna independente do espaço-tempo cotidiano, atualizando, poderíamos dizer, um espaço-tempo poético.” (FERRACINI, 2006: 47)

Nossa pesquisa objetiva, portanto, através da técnica do palhaço itinerante, o rompimento da lógica mono-útil presente em elementos encontrados no espaço público através da criação de relações artísticas que criem neste espaço uma *zona de experiência* para então permitir sua poetização. Pretende para isso colocar o espaço público como espaço em mutação pela necessidade ou ao menos pela possibilidade de criação compartilhada de significados.

Bibliografia

FERRACINI, Renato. Fronteiras, Paradoxos e Micropercepções. In: **Artes Cênicas Sem Fronteiras**. Organização por *Karin Thrall e Adriana Vaz Ramos*. São Paulo : Anarco Editora, 2007.

FERRACINI, Renato. Setas Longas do Palhaço. In: **Sala Preta** – Revista do PPG em Artes Cênicas n. 06 – ECA-USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

ⁱ Apenas para efeito de uma melhor visualização da técnica aqui denominada “palhaço itinerante”, descrevo alguns de seus princípios norteadores: a) Itinerância: o palhaço que realiza esta técnica a faz sempre em trânsito por espaços públicos da cidade. b) Micro-números: ao invés de números longos, o palhaço vale-se de pequenos números que possam ser realizados sem a interrupção de sua itinerância. c) Dinâmicas de improvisação com o espaço: tão importante quanto os micro-números que trás em repertório, as dinâmicas de improvisação são as principais responsáveis em fazer com que o palhaço coloque sua lógica em contato com os elementos com que se depara em suas incursões no espaço público.

ⁱⁱ A respeito do conceito de zona de experiência: “Como vimos, uma fronteira não existe na linha que delimita territórios; ela se constrói e é criada-recriada na ação de um corpo nômade que se aterra no território em ação de desterritorialização, ou seja, na potência, na Zona de Experiência. Lançar um corpo cotidiano na fronteira é, portanto, lançá-lo no nomadismo, ou seja, na ação ativa de possibilidades.” (FERRACINIⁱⁱ, 2007 :13).